

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico  
Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Carlos Henrique Bernardino de Carvalho**

**Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas**

**São Paulo/SP**

**2021**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Camila Polido Bais Hagio / Etec Getúlio Vargas

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Camila Polido Bais Hagio

Elaboração do roteiro da pesquisa: Camila Polido Bais Hagio

Local da entrevista: A distância, via programa de conversa on-line (ZOOM)

Data: 01 de abril de 2021

Técnico de gravação: Camila Polido Bais Hagio

Duração: 40 minutos e 13 segundos

Número de vídeos: 01(um)

Transcritora: Camila Polido Bais Hagio

Número de páginas: 14

## **Sinopse da entrevista**

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, durante a capacitação Clube de Memórias XXXVI, proposta pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre fevereiro e abril de 2021, com o entrevistado Carlos Henrique Bernardino de Carvalho por este ser um ex-aluno da Etec Getúlio Vargas e estar atuando no mercado de trabalho como empreendedor.

## **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 19 de abril de 2021

Nome da transcritora: Camila Polido Bais Hagio

**Camila Polido Bais Hagio (CPBH):** Boa tarde, eu Camila Polido Bais Hagio, agradeço a Carlos Henrique Bernardino de Carvalho de conceder esta entrevista para o Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas aqui na cidade de São Paulo. Hoje é dia primeiro de abril de 2021, a entrevista está sendo on-line devido a pandemia que estamos enfrentando e ela vai ser difundida no Programa de História Oral na Educação do Centro Paula Souza. A gente faz parte de um grupo de estudos da história de educação profissional e dentro deste projeto, a gente está entrevistando alguns ex-alunos que se tornaram empreendedores após a formação. Então nós convidamos o Senhor Henrique para conversar um pouco com a gente. A entrevista tem como metodologia o uso da história oral, então eu queria pedir para o Carlos se apresentar um pouco para a gente, contar um pouco da sua história e como a Etec Getúlio Vargas faz parte dela.

**Carlos Henrique Bernardino de Carvalho (CHBC):** Bom, primeiro, Camila agradeço o convite, para quem estiver vendo esta entrevista, a Camila é uma grande amiga da faculdade, uma das minhas melhores amigas, e hoje é professora na Etec, e na GV, fico muito feliz por isso também, e de participar do vídeo. Bom, eu sou nascido oficialmente em Santo André, cresci e vivi a vida toda, primeira fase em São Bernardo do Campo, e meu pai tinha uma formação técnica já, de vários cursos técnicos, de uma outra época, em que o colégio técnico formava profissionais que depois iam ter um prestígio equivalente ao de um engenheiro hoje, assim né, então ele tinha vários cursos, e trabalhava em uma indústria, na General Motors, lá em São Caetano, meus tios todos trabalhavam nas empresas de automóveis e São Bernardo tem esta cultura da indústria, e por consequência do colégio técnico, muito forte, ainda mais quando era mais novo porque depois a cidade passou por um processo de desindustrialização, mas ainda assim essa cultura se mantém. Então eu sempre, durante a, do início até o meio da adolescência, antes de entrar no colégio eu ouvia dos meus pais: “é legal você fazer um colégio técnico porque depois você tem uma profissão, e se você for fazer faculdade, precisar pagar a faculdade você pode trabalhar nessa profissão”, e eu decidi que queria ser arquiteto muito novo, então virou um segundo ponto também para eles reforçarem isso, o fato de existir o curso de Edificações e eles falavam: “olha vai lá, faz o curso de edificações, vê como que é, você vai estudar um pouquinho de arquitetura, um pouquinho de coisa que tem a ver com engenharia, você vai ver se é isso que você gosta, vai ter certeza se é arquitetura ou engenharia ou não é nenhum dos dois né”, e aí eu fui e gostei muito, e principalmente gostei das disciplinas mais voltadas para arquitetura mesmo. As disciplinas voltadas para engenharia, de cálculos, de instalações, eu não gostava muito, eu estudava, passava, mas eu não curtia tanto assim, mas aquelas que envolviam Desenho ou colocar a mão na massa, canteiro ou fazer pesquisa de materiais, tudo isso eu gostava bastante. Então em 94, final do ano eu fiz a prova, começo de 1995 eu entrei na GV e era um curso de Edificações Integrado que tinha 4 anos. No quarto ano era obrigatório que ele fosse a noite e que você fizesse algumas horas de estágio lá, não lembro quantas, sei lá 320 horas, era bem mais do que se exige hoje. Eu lembro que dava pelo menos uns três a seis meses de estágio, na época para você poder pegar o diploma. É...

**CPBH:** É hoje em dia a gente nem...

**CHBC:** O diploma completo.

**CPBH:** A gente nem tem mais estágio obrigatório.

**CHBC:** A não tem mais?

**CPBH:** Não tem.

**CHBC:** É na época era bastante assim. Eu lembro, eu não sei se alguém chegava a passar por isso, mas eu lembro que, falavam que se a pessoa não tivesse as horas de estágio ela tinha que terminar, concluir essas horas no outro ano para depois pegar o diploma de Técnico. Então ela podia ter um diploma de colégio, mas o de técnico precisava, estava condicionado a cumprir as horas.

**CPBH:** Entendi.

**CHBC:** Mas tudo cumpria que eu me lembre. E aí fiz os anos todos da GV, no formato integrado, quando eu fiz né, não sei como está hoje, mas havia uma defasagem das disciplinas de colégio, só contando um pouco do cenário.

**CPBH:** Claro.

**CHBC:** Então por exemplo, eu tive quatro anos de Matemática, quatro anos de Língua Portuguesa com várias aulas por semana, três anos de Física muito fortes assim, só que ao mesmo tempo eu tive um ano de Educação artística, um ano de Filosofia, um ano de História, um ou dois de Geografia, então, um de Biologia, um de Química, então, algumas coisas eram balanceadas assim né, e além, eu acho, da gente ter tido quatro anos de Matemática a gente ainda aplicava matemática em tantas outras disciplinas né, então eu acho que era um curso que tinha uma carga grande de exatas, além das outras coisas técnicas que aí é aprender fazer alguma coisa mesmo, aprender fazer o Desenho técnico, aprender montar um telhado, rebocar uma parede né. Fiz o colégio, no quarto ano fiz estágio na Pirelli Pneus, foi um baita aprendizado assim, a Pirelli Pneus fica em Santo André, era na época, acho que ainda é hoje, a sede da Pirelli na América Latina, então lá se faziam os projetos tanto da Pirelli pra o Brasil inteiro e na época eles estavam implantando outras três ou quatro fábricas no Brasil, como projetos para a Pirelli nos outros países, então eu não cheguei a me envolver nestes projetos mas um ou dois anos antes meu chefe contava que eles tinham feito projetos para a Pirelli no Chile, na Argentina, em outros países. Eu na época me envolvi em projetos no Sul, na Bahia, em Belo Horizonte, e na própria Pirelli lá de Santo André. E foi, aprendi muito mesmo, porque os profissionais na indústria, na época eles estavam sendo muito exigidos, eram, os departamentos estavam todos pequenos, tudo mundo sobrecarregado de trabalho, foi um ano que eu, na minha vida foi o ano que eu mais trabalhei até de madrugada, até hoje, era comum assim eu sair da fábrica as três da manhã, sabe? É. Porque também foi um ano especial, eles estavam implantando a primeira fábrica com ISO 14001, que era, que é o certificado equivalente ao ISO 9000 né, só que ambiental, o certificado ambiental. Então eles tinham que provar que as chaminés não estavam emitindo determinados poluentes lá, a gente implantou uma estação de tratamento que era inovadora, que era um tratamento anaeróbico, depois o nome eu acho que mudou, hoje falam mais anaeróbio do que anaeróbico, mas na época o termo era anaeróbico, é, com bactérias, então é tudo muito interessante, assim né, então, cresci muito neste ano.

**CPBH:** E o técnico deu esse subsídio para trabalhar lá?

**CHBC:** Deu. Era uma coisa que, pediam para eu fazer uma coisa lá, e eu basicamente já sabia como fazer.

**CPBH:** Já sabia. Que bom.

**CHBC:** Então, obviamente, tinha a metodologia deles, um sistema todo de organização da empresa que eu era zero nisso, estava aprendendo ali, mas quando eles pediam assim tem que fazer um corte, tem que desenhar uma planta, tem que fazer um layout de banheiro, tem que fazer as elevações, detalhar uma janela, tudo isso eu já sabia fazer. E

além disso, tinha uma parte de acompanhamento de obra, que eu acho que foi o que mais enriqueceu lá, mais do que a prática de escritório, que foi bem legal assim porque eles eram muito, é, preocupados com as medidas entre a cadeira e a mesa por exemplo quando a gente ia montar escritório, o uso de divisórias, então aprendi um monte de coisa de escritório lá, com 18 anos, de 17 para 18 anos, isso foi em 98, e aí, mas tinha toda esta parte de implantação de projetos e processos lá que a gente acompanhava, andava dentro da fábrica, tinha obra que acontecia de noite. E por exemplo, eles jogaram na minha mão assim um pátio de resíduos, eu com 18 anos, e esse pátio de resíduo tinha mais de 5.000 metros quadrados de área construída, e assim: “vai lá, acompanha a obra lá”. Fui, acompanhei.

**CPBH:** Eles confiavam né, no seu trabalho.

**CHBC:** Confiavam, bastante. E, também eu acho que eles não tinham opção. Porque era muito trabalho, então eles tentavam selecionar alguém de um curso técnico bom também, eu lembro que na época eles pegavam ou da GV ou da Federal, dificilmente eles pegavam de outra escola. Então é, tinha um cara lá que tinha estudado na Fatec, ele falava bem da Etesp também na época, que era ligada a Fatec né.

**CPBH:** Isso.

**CHBC:** Mas, tinha um outro cara lá que tinha sido efetivado como técnico e estava estudando engenharia, e ele tinha feito GV também.

**CPBH:** Bacana.

**CHBC:** Edificações. Aí tinha esse cara da Fatec, ele tinha feito Federal. O meu chefe, ele tinha feito Federal, então era assim, os caras lá também eram ou da Federal ou da GV, e eles viam com muito bons olhos a formação em colégio técnico assim, eles achavam muito importante para a indústria.

**CPBH:** Muito bom.

**CHBC:** Então aprendi bastante lá, depois fiz cursinho. Lá eu decidi que eu queria fazer Arquitetura mesmo né. Lá não, já no colégio técnico, mas mantive isso, tive certeza lá, conversava muito com o arquiteto que ficava meio responsável por ser meu coordenador lá, e depois em 2019 (1999) eu fiz um ano de cursinho e em 2020 (2000) eu entrei na faculdade, e eu acho que a GV também, apesar da defasagem, as disciplinas que eram puxadas lá, como Física por exemplo, nossa, ajudaram muito a entrar na faculdade, eu gabaritei Fuvest física né, então muito bom.

**CPBH:** E você tem, lembra de algum professor marcante dessa época?

**CHBC:** Lembro, lembro de vários assim. Eu lembro. Alguns eu não lembro do nome, mas eu lembro muito da figura deles, mas vários eu lembro de nome também. Então, um desses que eu não vou me lembrar o nome, ele era até coordenador na época, ele dava uma aula de movimento de terra, muito legal assim sabe, muito organizada, a metodologia, e, algumas coisas que eu estudei no colégio técnico eu acho que eu aprendi muito bem lá, topografia por exemplo. Topografia eu tive aula. Esse do movimento de terra eu não me vou lembrar, uma pena, que o cara era “queridaço” assim, muito legal. Mas tinha o Sofiel.

**CPBH:** Eu também não sei todos.

**CHBC:** É então (risos). Mas tinha o professor Sofiel que dava Topografia. A gente teve três anos de Topografia, e eu acho que assim, ele ensinava tão bem Topografia, de verdade que alguém que fizesse o primeiro ano de Topografia com o Sofiel poderia dar aula de Topografia em uma faculdade de Arquitetura ou de Engenharia. Porque se ensina uma Topografia muito básica e de um jeito muito difícil na Arquitetura e na Engenharia e desnecessária toda esta dificuldade. E ele ensinava você e ali. Meu celular me atrapalhando. Ensinava você ir lá, regular o teodolito, se planejar e fazer uma medição topográfica. E só com esse treinamento na prática, ele ensinava você a fazer tudo o que precisava para a Topografia. Então o Sofiel foi um excelente professor, ele era de uma formação militar, então ele era uma figura engraçada também, muito querida pelos alunos assim, mas ele tinha um jeito de falar diferente, meio militar. Tinha a Rozzane que era uma professora que durante as aulas ela contava muita história de experiência de canteiro, e de execução de obra, e de ocorrências, e como que ela resolvia alguns problemas, e coisas que a gente ia enfrentar, e a gente lá com 15, 16 anos falava assim: “ai, mas ela conta muita história, queria que ela desse os exercícios para fazer lá e tirar nota, e ela fica contando as histórias”. Quando eu fui fazer meu estágio, uma das coisas que mais me ajudou foram as histórias que a Rozzane contava. É essas histórias dela me ajudaram muito no estágio, ajudaram a resolver problemas de canteiro, então, vou dar um exemplo assim, eu estava contando lá que eu na Pirelli tocava uma destas obras que era um pátio de resíduos, e tinha toda uma preocupação ambiental já com esta obra, e quando a gente foi marcar o terreno da obra, eu fui junto este arquiteto, e tinha topógrafo lá, contratado já da construtora que ia executar, e aí eu me lembro que o arquiteto falou para o topógrafo: “não puxa aqui ó, que vai dar reto, que vai dar certo”, e isso eles iam instalar uma cerca. Eu tinha tido aula de Topografia muito boa, tinha as histórias da Rozzane, e essas duas aulas me ajudaram muito nesse evento que eu falei assim: “Nilton, vai dar errado, não está certo”. Ele falou: “Não, puxa aqui”. Eu falei: “Não é mais para lá”. Aí eu falei: “Quer ver?” Eu peguei o bastão, aí eu falei: “Medi aqui”, aí o cara mediu, falou: “É, deu onde o rapaz está falando”, que era eu. E ele, não sei se ele estava confiando muito na experiência dele, ou se ele estava convencido mesmo de que ele estava certo, mas ele insistiu. Eu disse assim: “Bom, faz o que ele mandar, ele que é o arquiteto aqui, eu sou só o estagiário”. Beleza, executaram. Aí depois a gente foi fazer um as built antes de começar a construção e deu o maior xabu assim, porque ele não sabia nem depois como explicar para o nosso chefe que o terreno estava torto porque ele tinha mandado fazer a cerca torta. Porque realmente onde eu tinha dito estava certo. E estava certo em função de coisas, vamos disser assim, elementares que alguém tinha que aprender na GV, sabe? E que se aprendia mesmo, se aprendia fazendo na prática. Então, a Rozzane é uma professora então que me ajudou muito, o Carone era um professor que para mim era muito importante lá na GV, sabe? Para muitos alunos ele foi, mas como eu queria estudar arquitetura, eu colava no Carone, eu queria que ele achasse meu desenho bonito assim, queria caprichar, ficava perguntando, porque na minha imaginação de adolescente entrando no colégio técnico, o arquiteto era aquele cara que ia trabalhar com os desenhos, né, por mais que já se trabalhasse em autocad naquela época nos escritórios, ainda tinha muito escritório que trabalhava na prancheta, o meu pai era técnico e ele fazia muito trabalho na prancheta, ele não trabalhava no computador, então essa aula de prancheta para mim era uma delícia assim, com o Carone, tudo mais, eu era, a disciplina que eu mais gastava tempo fazendo os trabalhos tudo, só não gostava do normógrafo, que era muito chato “normografar”.

**CPBH:** Eu trabalhei com o Carone e trabalho com a Rozzane. Eles vão ficar felizes com seu depoimento.

**CHBC:** Que legal, manda um abraço para eles, porque realmente os dois são dois professores acho que importantes para todos os alunos que trabalharam com eles né, acho que para você como professora também deve ter sido legal né.

**CPBH:** Também, aprender com eles né. As lousas do Carone eram maravilhosas.

**CHBC:** É, então né. Muito bonito mesmo. Porque ele tinha uma habilidade com aqueles instrumentos de lousa de desenho como se ele estivesse desenhando na prancheta. Para ele é muito natural fazer a curva, aí puxar as retas. Então ele desenhava na lousa, a gente já ficava olhando na lousa o que que ele ia fazer porque depois era o que a gente ia fazer na prancheta com lapiseira. Mas tem a Tereza de Física que foi uma super professora, super professora de ótica inclusive. Se eu puxar pela memória eu vou lembrar mais, mas é, os que me vem primeiro são estes.

**CPBH:** Não, está ótimo. Um excelente registro. E aí você continuou, foi estudar arquitetura. E veio a vontade de.

**CHBC:** É fui estudar Arquitetura. Bom, fiz o cursinho. O cursinho também foi muito legal, aquelas disciplinas que eu não tinha aprendido na GV, eu decidi estudar para caramba no cursinho porque isso ia fazer diferença no vestibular. E aquelas que eu tinha aprendido muito bem, Matemática, Física, Língua Portuguesa, eu fui com foco de me aprofundar, e isso deu certo, então por exemplo, eu como aluno da GV, eu notei que isso dava uma diferença já no cursinho onde nas aulas de Física eu já sabia, já fazia, claro que tinha muita coisa que eu aprendia lá, mas era fácil ter uma desenvoltura para evoluir em Física por exemplo, que nossa base de cálculo era boa, e chegou assim na metade para o final do ano, eu já fazia todos os exercícios e eu fazia toda a apostila de exercícios extras da prova do ITA. Então eu estudava pela prova do ITA. Porque era uma base boa que a GV tinha me dado sabe? De Geometria, de Física, de Matemática. Fui para a faculdade, aí passei em uma faculdade em Bauru, foi muito legal também sabe? Era uma coisa diferente assim. Eu vim de uma família onde as pessoas não tinham feito curso universitário né, meus pais não tinham feito faculdade, alguns tios tinham feito, a maioria deles, esses que fizeram, a maioria eu digo deve ser uns dois ou três, de família grande assim, eu devia ter uns dez tios no total, uns dois ou três tinham feito faculdade, e a maioria deles tinha feito a faculdade depois que eles se casaram para ter uma promoção no trabalho. Aí era incomum assim, essa coisa de ir pra outra cidade, fazer faculdade, morar em república, mas eu tinha uns amigos que já estavam fazendo esse movimento, meu universo já tinha se expandido, e aí, naquele ano passei, fui para Bauru, era a faculdade do jeitinho que eu queria para estudar arquitetura mesmo, eu passei em outras, mas escolhi Bauru, não queria fazer faculdade particular, e acho que a GV também me deu uma qualidade de ensino que eu pude optar por isso no cursinho, de dizer eu consigo estudar bastante e passar em uma universidade pública, que eu não precise pagar mensalidade, e que são as melhores que tem. Então fui fazer faculdade e tive uma vida muito feliz assim também na faculdade de arquitetura. Não poderia ter feito ela melhor assim. Eu explorei a faculdade em tudo que eu pude, as minhas habilidades, meus, como posso dizer, minhas vocações, descobri as minhas não vocações também na faculdade né.

**CPBH:** Muito bom. E a vontade de empreender, de ter o seu escritório, como que ela despertou em você? Como você analisa esta questão de empreender.

**CHBC:** É então, até um pouquinho antes da gravação a gente estava conversando a respeito né, e pensando agora eu acho que sem querer eu sempre tive essa vontade desde criança, sabe, por vários aspectos assim, então, por exemplo, eu quando era muito novo assim, eu tomei uma decisão que por exemplo, a minha educação não são meus pais que vão me dar, sou eu que vou me dar, então, eu tinha uma educação dos meus pais mas eu queria que esta educação fosse além, então esse ir além era eu que me dava, então ou eu ia pesquisar na enciclopédia, ou eu ia desobedece-los porque eu achava que eu tinha uma opção melhor que aquela que eles estavam me oferecendo. Mas os meus pais também sempre me deram uma educação muito legal de autonomia, do tipo, você não precisa tirar

dez, você se organiza como você quiser, você não pode “bombar” de ano, ir mal na escola, você tem que aprender, mas se por exemplo, se você aprendeu e se organizou para em vez de ficar quatro horas estudando para prova, você estuda duas horas para tirar oito e anda de skate duas horas, para mim está tudo certo, então eu achava legal isso, eu tinha uma autonomia para me organizar e decidir as coisas que eu ia fazer. E foi assim no colégio também. A GV era um colégio muito aberto, que permitia o aluno não assistir a aula, passar o dia na rua, ir ao museu ao invés de ir a aula um dia, e a proximidade com o Museu do Ipiranga, com o Museu de Ciências Biológicas, um bairro histórico como o Ipiranga, isso tinha muitos atrativos também, para além da escola. Não é que eu vivia matando aula na GV, mas assim, a própria aula de Topografia era medir em volta da escola. Então você já começava a conhecer o bairro, aí você olhava para o lado, falava: “A poxa, um dia vamos, vamos ao invés de tomar o lanche lá no intervalo, vamos vir nesta lanchonete aqui”, e a gente ia sabe. Eu acho que tudo isso daí tem um pouco a ver com o espírito empreendedor, porque sem querer, quando eu fazia GV, nem sei se antes, mas quando eu estava na GV, eu me lembro muito bem assim eu circulando com minha mãe lá por São Bernardo e ela comentando: “ah aqui, que coisa bonita que estão construindo aqui”, porque isso era muito natural para minha família também, porque meu pai tinha este olhar né, então assim eu aprendi ler planta de construção com seis anos de idade, era uma coisa muito familiar para mim essa linguagem. E eu olhava alguma coisa que eu achava mais bonita assim, eu falava: “nossa que legal, já pensou que legal o dia que tiver meu escritório e eu vou fazer um escritório bonito assim porque aí eu recebo o cliente, o cliente já vê que o escritório é bonito, e isso é aquilo”. Então sempre me imaginei assim. Eu, antes, eu criança assim, eu com cinco, seis, oito anos, bem pequenininho mesmo, eu lembro eu voltando de noite para casa depois de ter ido na casa de uma tia, de ter viajado, visitado alguém, a gente passava na frente daqueles prédios corporativos e sempre tinha umas luzinhas acesas, e eu pensava que eu ia ser aquele cara, e que ia ser legal eu estar lá trabalhando naquele escritório com a luzinha acesa as dez da noite, a meia noite, a uma da manhã, sabe? Eu achava muito legal isso, eu falava: “nossa, deve ser muito legal ser adulto, trabalhar no escritório lá, e ficar até de madrugada com a luzinha acesa”. Quando eu fui para a faculdade, também eu acho que sempre apareceu um pouco disso na maneira de fazer as coisas né. Então, uma certa independência nos projetos, de não me limitar por aquilo que era exigido ou simplesmente fazer para agradar o professor, seguir o caminho mais fácil, seguir o caminho mais careta, então tinha uma certa transgressão, mas que ao mesmo tempo era uma transgressão impetuosa, que se a pessoa não tiver um espírito empreendedor, ela não transgrida né. Ao mesmo tempo também né, a Camila, que está me entrevistando, ela era do meu grupo de projeto na faculdade, e ela sabe do que eu estou falando, ela fazia isto também.

**CPBH:** Com certeza.

**CHBC:** E a gente ia buscar muito conteúdo além do que a faculdade nos dava, e a gente estava em uma faculdade super boa, que já nos dava muito mais conteúdo que as outras faculdades e gente saía da biblioteca as onze da noite, muitas vezes né. Numa destas idas a biblioteca, um dia sozinho, eu folheando uma revista, eu estava lendo uma coisa sobre branding de marca, e ali eu descobri o branding e já achei muito legal, assim: “putz, eu posso trabalhar com branding”, e aí, nesta mesma revista, era uma News Week eu acho, e aí, tinha uma matéria sobre escritórios menores que estavam se associando em Nova York para pegar projetos grandes. Então, o exemplo que eles davam era justamente assim, de um escritório de arquitetura, um escritório de engenharia e um escritório de direito que se associaram, alugaram um andar barato, daqueles lofts assim em Nova York que eram baratos, e montaram um andar corporativo só deles, e várias equipes de duas ou três pessoas ou quatro pessoas tinham virado um escritório de vinte pessoas quando eles se associavam, e isso ajudava o escritório de arquitetura pegar projeto porque o escritório de direito ajudava a desenrolar a legislação. E ajudava o escritório de arquitetura a pegar



projeto porque toda a parte de projetos de instalações e cálculos eram feitos pelo escritório de engenharia. E ajudava o escritório de engenharia porque o escritório de direito dava suporte quando eles precisavam fazer um laudo e o de arquitetura fazia os projetos para esses laudos e fazia os relatórios, e por aí vai. E eu já pensei: “Caramba, vou fazer isso”, porque quando eu tiver um escritório menor, é, eu vou me associar e eu vou fazer deste jeito. Então sempre eu pensava assim, sabe? “Pô, eu vou abrir um escritório, eu vou fazer branding de marca, eu vou abrir um escritório eu vou me associar para mesmo quando for pequeno eu pegar projetos grandes. Quando eu estava no quarto ano da faculdade, a Camila esteve envolvida neste projeto também, que no quarto para o quinto ano acho, eu peguei um projeto de paisagismo para fazer em Bauru né. Então assim, um amigo de uma amiga de faculdade, que já era veterana, que ela já estava formada nessa época, a mãe desse amigo precisava de alguém para fazer um projeto de paisagismo, e ela me indicou, e eu não estava nem formado, mas eu gostava muito, a gente tinha uma aula muito boa de paisagismo, e aí também, peguei este projeto de paisagismo, então enquanto eu fazia estágio, eu dava uma fugida, falava “Vou lá ver minha obra, já volto”. E executei o projeto de paisagismo. Até hoje o pessoal da Unesp, não sei, acho que a Camila não sabe, mas tem uma professora que quando passa pelos jardins lá em Bauru, ela passa em frente essa casa que eu fiz para apresentar um projeto de paisagismo que um aluno fez, e tal.

**CPBH:** Olha, eu não sabia.

**CHBC:** É, é. Os estágios que eu arrumei na faculdade foi assim. Eu vi um lugar muito legal, falei “nossa deve ser muito legal fazer estágio aqui”, e eles nem tinham vaga para estagiário. Aí eu fui lá bater na porta da prefeitura do campus da USP em Bauru, né, que era um campus bonito, bem arborizado, e falei “Viu, vocês têm vaga para estagiário de arquitetura e paisagismo? Porque eu queria muito fazer um estágio aqui”. Aí era uma engenheira, um técnico e um cara de informática que trabalhavam lá na época. Ela virou assim: “De onde que você veio menino?”, daí eu falei: “Não, eu vim dali, eu vim almoçar, eu descii, eu sempre fiquei curioso, estou fazendo um estágio muito chato no escritório do Jurandir”. Era um “mala” né, o estágio de lá era horrível, o cara era horrível, e eu falei assim: “E eu quero fazer estágio em um lugar legal, aqui eu acho que deve ser legal trabalhar com vocês”. Ela falou: “a gente nunca teve estagiário, nunca teve arquiteto na equipe e há uns quinze minutos atrás, e ontem, e na semana passada, eu venho conversando com o Pedro aqui, que é o técnico, que a gente precisava ter pelo menos um estagiário de arquitetura, então você está contratado” (risos). Aí foi assim, então eu criei o meu estágio, né. Na faculdade, a gente fez bienal de arquitetura. E assim, o estágio foi uma delícia, eles me davam autonomia de arquiteto para projetar lá, mesmo que não deveriam, mas eles davam. E na faculdade, a gente fez bienal de arquitetura, depois logo que me formei, eu com o Gustavo do nosso grupo, a Camila também, ela estava no grupo da bienal de arquitetura. É, eu com o Gustavo do nosso grupo, a gente botou um projeto na bienal de arquitetura já como arquitetos né. E era tudo muito difícil arrumar trabalho na época, então eu fiz uns “freelas” e para mim era fácil administrar os freelas, assim sabe. Então, acho que sempre teve dentro de mim, assim, esse espírito de querer ir lá e fazer, e acho que o empreendedor no fundo, no fundo, acho que não depende de ele ter um negócio próprio ou não, se ele vai estar em uma empresa, ele também pode ser um empreendedor, mas muda a postura. A postura empreendedora é aquela assim de ir lá e conseguir fazer um negócio, que as vezes ninguém te pediu para fazer, e você acha que precisa ser feito. E não é aquela pessoa que se contenta em realizar bem uma tarefa que foi passada para ela fazer né. Mas o empreendedor ele não se contenta com a tarefa, ele quer ver o negócio acontecer mais rápido, acontecer melhor, acontecer e se multiplicar, e quer inventar coisas para fazer né.

**CPBH:** Um engajamento né?

**CHBC:** É engajamento.

**CPBH:** É um buscar.

**CHBC:** Exatamente.

**CPBH:** Eu acho que a gente vê atualmente, né, o Centro Paula Souza buscando projetos de inovação, de empreendedorismo, até pelo contexto, né, que vivemos hoje em dia, mas pelo que você conta né, talvez este espírito de inovação já esteja embutido desde, desde muitos anos atrás né.

**CHBC:** É.

**CPBH:** E acho este foco na responsabilidade, na autonomia, começando desde adolescente né, faz bastante diferença para a hora de vocês chegarem no mercado.

**CHBC:** E eu acho que tem muitas coisas que podem fazer despertar isso em um jovem, sabe? Eu acho que não é só você ter uma aula escrita lá empreendedorismo no cardápio das matérias.

**CPBH:** Sim, no currículo.

**CHBC:** Porque as vezes não vai ser uma aula empreendedora. Ele não vai ser empreendedor na aula Empreendedorismo, sabe? Ele vai estudar Empreendedorismo como ele estuda Língua Portuguesa. Eu aprendo a resposta certa para passar na prova. Mas é descobrir as vezes em cada um o que desperta ele para este instinto de caça, para uma coisa que ele gosta mesmo, sabe? Então, por exemplo, para mim, esse instinto que foi despertado em mim foi assim, para pesquisa, para adquirir conhecimentos espalhados assim. Então, eu pequeno, ficava entediado as vezes até de brincar, toda criança passa por isso né.

**CPBH:** E é importante né?

**CHBC:** Ah, mas você tem tanto brinquedo, ah, mas eu cansei de brincar com esses, não tem outros, mas é normal para toda criança. Mas eu nesse tédio, eu ia ler enciclopédia, eu ia pegar, eu achava lá coisas que eu conhecia, cavalo, e eu descobri que na enciclopédia mostrava a evolução da pata do cavalo. Isso me interessava para caramba, aí depois de cavalo, não sei como que eu chegava em boi, aí contava a evolução da vaca selvagem para a vaca que tem na fazenda, e aí falava que tinha uma letra que parecia um boi e que influenciou uma letra no alfabeto, e aí eu ia descobrir o surgimento do alfabeto, e por aí vai. E aí eu ouvia o nome do Oscar Niemeyer e ia pesquisar. Então tinha isso daí. Mas eu acho que uma coisa que me despertou para isso talvez, bem, bem criança, é porque meu pai trabalhava, meus tios também, mas principalmente pelo contato próximo, meu pai trabalhava numa indústria de automóveis e ainda mais naqueles anos, a indústria de automóveis estava muito ligada ao imaginário do futuro assim, então todo ano tinha o salão dos automóveis, e era assim, o carro do futuro, o carro do futuro, o transporte do futuro. Hoje não se fala muito mais nisso, a gente nem tem muito nosso imaginário mais abastecido pelos “concept cars” assim né. “Concept cars” virou uma coisa de designer, é “nichado” assim. Mas na época, pelo menos no ambiente que eu convivia, e assim na Quatro Rodas saia, então meus amigos viam também, os “concept cars” faziam nossa, nossa cabeça assim, sabe? Eram muito legais. E eu tinha informação privilegiada porque os “concept cars” que a General Motors publicava na revista interna da fábrica, para eu acho que inspirar os funcionários e divulgar o que que a empresa estava fazendo, a empresa está o tempo todo se renovando, querendo, fazendo inovações. Essa informação

privilegiada chegava primeira na minha mão e depois no salão do automóvel. Porque o meu pai trazia as revistas para casa, cada funcionário pegava uma. E tinha uns carros lá, eu lembro perfeito assim, tinha um carro cereja chamado Futura, que era o “concept car” da General Motors, para o carro que seria, para os carros que seriam projetados até digamos o ano 2000. E ele era um carro lindo, com linhas todas aerodinâmicas. E o fato de descobrir essas coisas, me interessava muito. Então eu queria descobrir quais carros que seriam lançados, quanto que eles iam custar, e qual que era o motor etc. Eu, quando era bem criança assim, tinha uns cinco a oito, até dez anos, eu antes que querer ser arquiteto, eu queria ser designer de automóveis, então, eu ainda quero desenhar uns carros um dia.

**CPBH:** Muito bacana.

**CHBC:** E acho que, no meu caso né, esse espírito empreendedor esteve sendo ligado as artes, a criação, ao design, mas tudo inspirado pela descoberta. Porque a descoberta que me gerou o desejo de realizar depois. Então era descobrir para realizar.

**CPBH:** Muito, muito enriquecedor toda essa sua experiência, trajetória. Acho que pode servir inspiração para ...

**CHBC:** Ah que bom

**CPBH:** Para as pessoas que assistirem aqui nossa, nosso bate papo. Agradeço imensamente a colaboração do arquiteto Henrique.

**CHBC:** Obrigado.

**CPBH:** Faço o convite para conhecerem também o escritório dele né, a Tanta Arquitetura.

**CHBC:** Conheçam lá, sigam no Instagram, acessem.

**CPBH:** Espero que gostem, acho que é isso.

**CHBC:** Queria só, posso fazer um comentário rapidinho sobre a Tanta.

**CPBH:** Claro.

**CHBC:** Porque assim, eu me formei em Arquitetura, trabalhei em escritórios, eu acho que este espírito que a GV me deu e junto com esta coisa de querer fazer e descobrir, eu encontrei pessoas assim também na minha trajetória e que a gente fez coisas legais nos escritórios de arquitetura justamente por ter este espírito. Então teve projeto de museu que ganhou concurso no Brasil que por eu ter mandado uns comentários assim muito organizados, isso norteou o projeto de um museu. E depois eu abri meu escritório. Hoje eu tenho um escritório, já tem oito para nove anos o meu escritório, que é a Tanta. E lá já trabalharam pessoas que fizeram técnico em Edificações na GV. E faz toda a diferença viu? Quando eu contrato para o meu escritório, ou as vezes alguém me paga uma consultoria para fazer contratações para o escritório dele, quando a gente encontra um profissional que fez colégio técnico, e principalmente que fez assim GV, ETESP, Federal, Liceu, as mais conhecidas, mas qualquer uma de maneira mais genérica, conta muito no currículo. A gente sabe que a pessoa vai desenhar muito bem, a gente sabe que a pessoa é rápida no que faz, que a pessoa é ligada, é esperta, que a pessoa encontra soluções. Então, todas as pessoas que trabalharam lá na Tanta, arquitetas, que estudaram edificações, foram excelentes.

**CPBH:** Ótimo depoimento.

**CHBC:** Obrigado então pelo convite.

**CPBH:** Acho que é isso. Agradeço e até uma próxima.

**CHBC:** Até obrigado pessoal.

### **Descritores**

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

Carlos Henrique Bernardino de Carvalho

Camila Polido Bais Hagio

Centro de Memória

História oral na Educação

Empreendedorismo

Arquitetura

Engenharia

Técnico em Edificações Integrado

Etesp

Desenho Técnico

Física

Matemática

Língua Portuguesa

Empreender

Professora Rozzane

Professor Carone

Professor Sofiel

Topografia

Colégio Técnico

Etec Getúlio Vargas

### **Dados Biográficos do Entrevistado**



**Carlos Henrique Bernardino de Carvalho** possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Participou de das edições V e VI da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Trabalhou como arquiteto no escritório Bernardes-Jacobsen e Museu Catavento Cultural e Educacional. Atualmente é fundador / diretor de criação - TANTA - Arquitetura, Interiores e Paisagismo, onde desenvolve projetos de arquitetura, interiores, paisagismo e design para diversos segmentos. Colunista do jornal O Estado de São Paulo no blog "Henrique de Carvalho - Sobre Cidades", escrevendo ocasionalmente para painéis de opinião do mesmo jornal.

#### **Dados Biográficos da Entrevistadora**



**Camila Polido Bais Hagio** é Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - FAU USP (2014), possui Pós-graduação em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2008) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Bauru (2005). Trabalha como docente desde 2005 pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza,

atualmente é professora da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas nos cursos técnicos de Edificações e Design de Interiores. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP) desde setembro de 2016.

**Anexos (documentos sigilosos e não público)**

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Carlos Henrique Bernardino de Carvalho

Termo de Autorização para uso de Imagem de Carlos Henrique Bernardino de Carvalho